

CLIPPING
LAMPIÃO, O GOVERNADOR DO SERTÃO
- PRODUÇÃO/2019 -

Consórcio Cinematográfico Paris

| CINEMA | Fato histórico, três longas-metragens cearenses têm sequências filmadas em Paris, num intervalo inferior a duas semanas. O feito é resultado de um consórcio informal firmado entre os cineastas Joe Pimentel, Halder Gomes e Wolney Oliveira

ÉMERSON MARANHÃO
emerson@opovo.com.br

Entre o Montmartre e a Champs Elysees, os caminhos do cangaceiro pernambucano Lampião e do artista plástico cearense Antonio Bandeira, quem diria, se cruzaram em Paris. Mais ainda, os dois tiveram por companhia uma femme fatale de beleza arrebatadora. O encontro improvável, por óbvio, não foi presencial. Até porque não se tem notícias do Rei do Cangaço flanando pela capital francesa: quando Bandeira chegou à Cidade Luz, em 1936, Lampião já havia sido morto há oito anos; e Antoinette, é este o nome da sedutora dama, nem sequer sonhava em existir. Mas que os caminhos dos três se entrelaçaram por lá é fato. E tão incrível quanto esta possibilidade é o que a causou.

Lampião e Bandeira, figuras históricas, são temas de longas-metragens documentais realizados por cineastas cearenses, cujas filmagens estão ocorrendo nestas semanas em Paris. O primeiro é tema de *Lampião, o Governador do Sertão*, dirigido por Wolney Oliveira. O segundo, de *Antonio Bandeira, o Poeta das Cores*, realizado por Joe Pimentel.

Não bastasse a dose dupla de cinema cearense na capital francesa, a cidade também serve de locação para algumas cenas da ficção *Vermelho Monet*, estreia de Halder Gomes no drama, cuja captação também está marcada para os próximos dias. Justamente as cenas em que a tal Antoinette, personagem criada por Halder e interpretada pela atriz Maria Fernanda Cândido, vai a Paris se encontrar com um colecionador de arte.

Sim, pela primeira vez na história, três longas cearenses estão sendo rodados simultaneamente

“O fato não é uma coincidência, e sim uma decisão estratégica. Os três diretores tinham planejado filmagens na França para seus longas neste ano”

BRUNO PIMENTEL / DIVULGAÇÃO



CINEASTA Joe Pimentel com o crítico de cinema francês Bernard Eisenschitz

na Cidade Luz. O fato não é uma coincidência, e sim uma decisão estratégica. Os três diretores tinham planejado filmagens na França para seus longas neste ano. Numa conversa em Fortaleza, Wolney e Joe descobriram que filmariam em Paris com algumas semanas de diferença.

“Eu iria filmar no final de outubro. Ai Joe me falou que estava indo no meio do mês”, conta Wolney, em entrevista exclusiva ao O POVO, direto da França. Joe, também de Paris, completa. “Na hora, propus que filmássemos juntos, isso reduziria custos, a gente poderia filmar simultaneamente”. Wolney topou a

ideia, antecipou seu calendário e os dois decidiram formar essa espécie de combo.

Ao saber que os colegas estariam filmando na cidade, Halder, que está rodando seu novo longa em Portugal, entrou no consórcio. “Para mim, funciona como uma segunda unidade”, explica Halder ao O POVO durante intervalo no set de filmagens, em Lisboa. “São alguns planos de apoio e cobertura na capital francesa. Além disso, tem a cena em que Antoinette vai até Paris pra encontrar com Lorrain (Matamba Joaquim) um bilionário Franco-angolano”.

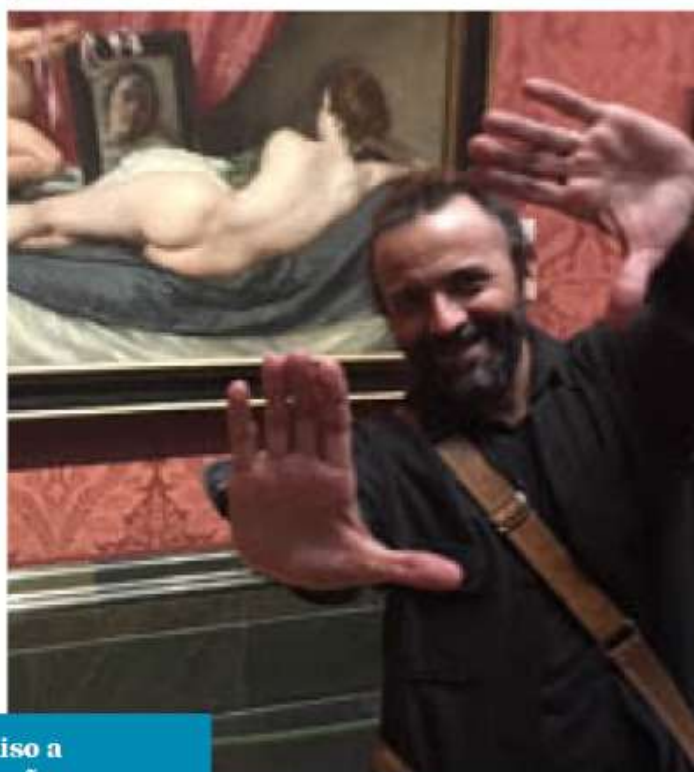
Com um formato Lego, os filmes

têm equipes complementares. Eu-sélio Gadelha, o Xuxu, assina a direção de fotografia tanto de *Lampião* quanto de *Antonio Bandeira*. Neste último, também trabalha na fotografia Bruno Pimentel. Completam a equipe do documentário sobre o artista plástico a produtora Maria Amélia Mamede, da Via de Comunicação, e o pesquisador Valdo Siqueira.

Bruno Pimentel assina a fotografia da segunda unidade de *Vermelho Monet*, que terá as cenas dirigidas pelo pai, Joe. Já Léo Oliveira, filho de Wolney, faz o som direto de *Lampião*. **(continua nas páginas 36 e 37)**

EDIÇÃO: CINTHIA MEDEIROS | CINTHIAMEDEIROS@OVOVO.COM.BR | 85 3256 61 01

FOTOS DIVULGAÇÃO



ROTEIROS

Três histórias “Made in Ceará”

A repercussão internacional de um verdadeiro fenômeno brasileiro do século 20; a trajetória de um dos maiores artistas plásticos cearenses; o drama de um pintor obsoleto que, à beira de um colapso nervoso, encontra a possibilidade de reescrever sua história. É ampla a variedade temática dos três filmes cearenses que têm Paris por locação nestes dias.

“Em *Lampião, o Governador do Sertão*, este novo projeto, que estou filmando agora em Paris, eu analiso a repercussão mundial do cangaço. A influência dele no artesanato, na música, na dança, no cinema...”, apresenta Wolney.

“É bom que se diga que a temática do cangaço é uma das mais filmadas no cinema brasileiro. Só que é a mais filmada no campo da ficção. Na realidade o primeiro longa-metragem documentário sobre Lampião será esse”, afirma o diretor, que já havia se debruçado sobre o tema em *Os Últimos Cangaceiros* (2011), que traz a história de Moreno e Durvinha, um casal idoso que integrou o bando de Lampião. Segundo Wolney, este

foi o primeiro longa documental sobre cangaço.

Já Joe navega por mares até então pouco conhecidos. O projeto de *Antonio Bandeira, o Poeta das Cores* surgiu em sua vida a partir de um convite de Francisco Bandeira, sobrinho do artista plástico. “Ele me convidou há um tempo. Depois, passou a insistir para que eu aceitasse. Eu não conhecia o personagem, nem nada sobre ele. Comecei a estudar, a gente mandou para o edital de Cinema e Vídeo do Ceará de 2016 e deu certo”, relata.

Em Paris, Joe filmou alguns depoimentos e algumas seqüências “ficcionais”. “Assim, eu trouxe o Francisco, sobrinho do Bandeira, e a gente rodou umas (cenas) noturnas com ele, meio que tentando reconstituir o Bandeira na época em que ele esteve aqui, que foi de 1946 a 1967. Basicamente eu fiz depoimentos, essas reconstituições do Bandeira e mais planos gerais da cidade. Fomos nas duas universidades, nas duas escolas que ele frequentou, o hospital que ele faleceu”, descreve o diretor. Além da Cidade Luz, *Antonio Bandeira* já tem

“Eu analiso a repercussão mundial do cangaço. A influência dele no artesanato, na música, na dança, no cinema...”

WOLNEY OLIVEIRA
Cineasta

filmagens marcadas para o início do ano que vem em São Paulo, Rio de Janeiro e em Fortaleza.

Enquanto isso, Wolney tem em seu planejamento a filmagem em Paris de depoimentos de alguns críticos franceses de cinema, como Sylvie Pierre, nome icônico da também icônica revista *Cahiers*

NO ALTO, à esquerda, o cineasta Wolney Oliveira e o diretor de fotografia Eusélio Gadelha (Xuxu), nas gravações de *Lampião, o Governador do Sertão*. Acima, os testes de câmera do filme de Halder Gomes, que dirige seu primeiro filme de drama, *Vermelho Monet*. Na página ao lado, o cineasta Joe Pimentel e a equipe que trabalha nas produções cearenses em Paris

du Cinéma. Além da França, *Lampião* terá seqüências filmadas em Madri, na Espanha, e em Nova York, nos Estados Unidos.

“A seqüência inicial de *Lampião, o Governador do Sertão* é em Madri. O filme abre com uma versão de *Mulher Rendeira* (tema do filme *O Cangaceiro*, cuja autoria é atribuída a Lampião e que seria um canto de guerra do seu bando) cantada em espanhol e termina em Nova York, com uma versão da canção que se chama *The Bandit*. Esta canção teve mais de 200 versões gravadas”, adianta. “No final de outubro, logicamente, a gente vai filmar em Juazeiro (do Norte),

Crato, Barbalha, Caruaru, Paulo Afonso, Piranhas... Também vai ter a parte do Nordeste”.

Vermelho Monet, de Halder Gomes, finaliza no dia 2 de novembro as filmagens em Lisboa. Além delas, há as seqüências na capital francesa. “São uns pontos de vistas de Paris, a partir da personagem da Maria Fernanda, e umas imagens também em movimento para colocar em chroma (key)”, explica Joe. Halder completa: “Estas cenas do chroma foram feitas no Hotel Pestana em Lisboa, com a Fernanda, como se fosse em Paris. Estas seqüências em Paris serão fundidas na ilha de edição”.



CONEXÃO PARIS

Uma pergunta para três

Porque a escolha de Paris como locação para seu filme?

Joe Pimentel – Porque o Bandeira veio para cá em 1946. E ficou dois grandes períodos aqui. Depois ele volta para Copacabana, no Rio de Janeiro, fica um tempo lá, e volta para cá. Enfim, porque ele aconteceu aqui, né? Veio para cá para estudar na Escola de Belas artes, ganhou uma bolsa, e fica um tempo aqui. Passa um período grande da vida dele aqui. Morre aqui, inclusive, em 1967. Então, inevitavelmente a gente teria que vir aqui.

Halder Gomes – Por Paris ser o epicentro do mercado de artes e local dos principais movimentos artísticos dos séculos XIX e XX.

Wolney Oliveira – Por que Paris? Porque o primeiro prêmio importante do cinema brasileiro foi a Palma de

Ouro em Cannes, em 1956, para o filme *O Cangaceiro*, do Lima Barreto. Naquela época existia a categoria de Melhor Filme de Aventura, e foi a que ele ganhou. Hoje não existe mais. Mas foi o primeiro prêmio importante do cinema brasileiro. E esse filme passou oito anos em cartaz na França. Passou, inicialmente, seis meses em cartaz aqui em Paris, depois foi para o interior da França, e depois voltou para a Paris. Enfim, foram oito anos e ele fez quase meio milhão de espectadores aqui. O filme foi como um *Avatar* (blockbuster de James Cameron), imagina 232 milhões de dólares, nos anos 1950, seria hoje mais de um bilhão de dólares! Então, todo mundo conhece a história do cangaço através de *O Cangaceiro*, e depois vem *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (que também concorreu em Cannes) e tal. São dois pontos importantes.



FILMES

Joe Pimentel já dirigiu *Bezerra de Menezes - Diário de um Espírito* (2008) e *Homens com cheiro de flor* (2011)

Wolney Oliveira assina a direção de *Milagre em Juazeiro* (1999), *A Ilha da Morte* (2007) e *Os Últimos Cangaceiros* (2011).

Halder Gomes é diretor de *Área Q* (2011), *Cine Hollywood* (2012) e *O Shaolin do Sertão* (2016)

OFERECEMOS O QUE HÁ DE MAIS MODERNO EM VIDROS

• BARRIL • JANELA MOVIDA • JANELA DE VIDRO

• TAMPA DE VIDRO • BOM PARA BANHEIRO • JARDIM

• VIDRO PARA COZINHA • VIDRO PARA BANHEIRO



ESPECIALISTA EM
VIDRO

AV. L. NOR - ITAPERI - RIO À SERRA - 06:00 ÀS 18:00

(85) 99697-4332 (85) 4141-3386 www.teamglass.com.br

VERSO

Diário

CINEMA

Luz, câmera, sertão

Acompanhamos as filmagens de "Lampião, o Governador do Sertão". Novo filme do cineasta cearense Wolney Oliveira investiga o fenômeno cultural do cangaço P. 2a5



NUTRIÇÃO Do leite animal às variações dos vegetais P. 8e9

SÉRIE "Modern Family" e os relacionamentos vulneráveis P. 14

10 NOV 2019

DOMINGO

CINEMA

No rastro de Lampião

Cariri cearense é um dos cenários para as filmagens do documentário "Lampião, Governador do Sertão". Filme de Wolney Oliveira investiga influência do cangaço na cultura brasileira e internacional

Antonio Laudenir laudenir.oliveira@svm.com.br

E

ncontro Wolney Oliveira no Aeroporto Pinto Martins. Voo rápido rumo a Juazeiro do Norte. Guardo lembranças de ter ido ainda criança. Espiava naqueles monócotos fots da família no Horto. Gente feliz. Padim Ciço. Parecia um pequeno filme. Tecnicamente é a primeira vez no Cariri.

O intuito é acompanhar, com exclusividade, quatro dias de filmagem do documentário "Lampião, o Governador do Sertão". A empreitada é ambição antiga do cineasta cearense. Explica-se. Por volta de 2006, o filme estava engatilhado e já contava com um bom número de entrevistas gravadas. A pólvora explodiu no telefonema do amigo e pesquisador João de Sousa Lima. Direto de Paulo Afonso (BA), o contato afirmava que dois remanescentes do famoso bando de Lampião (1898-1938) foram identificados. "Wolney, achei Durvinha e Moreno", alertou a fonte.

eram as alcunhas de Antônio Ignácio da Silva e Durvalina Gomes de Sá. O trabalho ganhou rumos. "Precisava contar a história de quem estava vivo. Quem estava morto podia esperar um pouco mais", resgata o diretor. O contato com os ex-cangaceiros durou felizes quatro anos. Nascia, assim, "Os últimos Cangaceiros" (2011).

Entre outros projetos, como o recente "Os Soldados da Borraça" (2019), Wolney percebeu a necessidade de voltar ao encaixo de Lampião. Tudo começou com uma carta. Corria 1926 e a missiva endereçada ao então mandatário de Pernambuco, Júlio de Melo, evocava assunto dos mais urgentes. "Eu que sou capitão Virgúlio Pereira Lampião, Governador do Sertão, fico governando esta zona de cá por inteiro, até as pontas dos trilhos em Rio Branco". As linhas de Virgúlio continuavam: "E o senhor, do seu lado, governa do

Rio Branco até a pancada do mar no Recife".

Atrevimento ou desejo de paz, de certo, as palavras do Capitão seguem reverberando 90 anos depois. A missão do documentário é decifrar as influências do cangaço na produção cultural brasileira e mundial.

No avião, o diretor da Casa Amarela Eusélio Oliveira e do Cine Ceará encara a janela e suspira. "Cara, imagina. Lampião reinou 20 anos e naquela época, andava isso tudo, às vezes carregando 40 quilos em arma, joia, o caramba".

Além das raízes familiares e do apreço pelo caldeirão artístico do Cariri, o território foi palco do primeiro longa de Wolney, "Milagre em Juazeiro" (1999). Nos anos 1990, nas muitas idas, um carro deu o "prego" no caminho. "Levamos 24 horas pra chegar", resgata.

Dos cinco filmes guiados por Wolney, três iluminam a região. "Filmei Il romárias. Não digo que fiz um filme. Me tornei um devoto", brinca. Em 2018, o "Português" (alcunha dada por Durvinha) voltou à tripla investigativa interrompida anos antes. O intervalo rendeu novos personagens e cenários. Explicar o fenômeno de Virgúlio e Maria Bonita (1911-1938) passa pelo mergulho no artesanato, culinária, moda, literatura e obviamente o cinema. Nesse último, a obra "O cangaceiro" (1953), de Lima Barreto, tratou de unir dois continentes.

Após rodar cenas na Grota de Angicos, em Sergipe, durante missa pelos 80 anos da morte do Capitão, em 2018, Wolney foi a Paris colher o depoimento de dois críticos de cinema. Eles assistiram, na infância, ao clássico de Lima Barreto a escreverem textos que abordem o cangaço. Jovens de 12 a 17 anos podem participar do filme e serão agraciados com um cachê simbólico.

Agora, entre o fim de outubro e novembro, o realizador lidera um grupo comprometido a percorrer estradas que atravessam o Ceará, Bahia, Alagoas e Pernambuco. As primeiras visitas contemplam Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. O time é formado por Alex Meira (assistente de câmera), Assis Ceará (eletricista), Dayane Oliveira (produtora), Evair Moura (motorista), Léo Oliveira (som direto), Raimundo Neto (motorista) e Rogério Rezende (diretor de fotografia).



FOTO: ROGERIO REZENDE

Assis, Alex, Rogério, Wolney, Boni e Léo: artesanato, poesia e som



FOTO: ANTONIO LAUDENIR

Sob os auspícios do Padim, os muitos relatos de uma gente brava e cheia de fé. À esquerda, uma das peças desenvolvidas pelo artesão Wilton Silva

Nossa capa: Marivaldo Soares, Índio Pankararé de Brejo do Burgo, no Raso da Catarina (BA)



FOTO: ROGERIO REZENDE

Embate sertanejo na delicada criação de Demóstenes e Lusyenir

res. Cita Mestre Noza (1897-1983) com profunda reverência e brilho nos olhos.

A assinatura Boni também demanda os esforços da companheira Débora Raquel. Se o jovem artista é hábil no processo de moldar peças simpáticas e repletas de cor, a parceira atua na área da divulgação e venda. Além do coração, divide o afeto pela leitura e música. A oficina se mistura com a pequena casa. Ferramentas dividem espaço com fotografias e outras obras experimentais.

O espaço para os visitantes montarem o equipamento é ainda mais compacto e exige atenção das lentes comandadas por Rogério Rezende e Alex Meira. Por sua vez, Wolney é só alegria com a fala embasada e respeitosa de Boni. É quando o realizador interage

com um sinal de positivo nas mãos. Ouvir é o segredo.

Dali o destino é o lar do pesquisador Margébio de Lucena. Cuidadoso nas repostas e firme nos dados apontados, o oftalmologista divide uma verdadeira aula com os presentes. Durante uma tarde inteira, resgata as muitas conversas feitas com ex-cangaceiros e o contato fiel com registros históricos.

Bandido ou herói, Lampião e seus asseclas deixaram marca indelével. A participação do estúdio contribui para as muitas perspectivas do tema a serem enfrentadas por Wolney. É momento de descansar. O Dia de Finados, no sábado, exigiria ainda mais da equipe.

Colina do Horto é tomada porromeiros de diferentes estados nordestinos. O volume de visitantes inspirou a produção a criar um totem com as imagens de Lampião e Maria Bonita. O traço do cartunista Kléviss Viana amplia o tom idílico da intervenção.

A proposta é simples. Quem quiser pode chegar e tirar uma foto. A única exigência é fitar a câmera e falar do cangaço. Naturalmente os participantes se aproximam, e o bom humor invade a filmagem. Ao meio-dia o destino é a Missa do Chapéu, no Centro. Cinema é uma rotina exaustiva, braçal e somente possível com ação em equipe. O respeito ao cronograma é fundamental para que o trabalho se desenrola.

A produtora Dayane Oliveira é total atenção ao entorno do set. Sempre atenta a qualquer ruído que atrapalhe a captação das imagens. Cuida da alimentação ao uso do protetor solar.

É perceptível a interação dos envolvidos. Quando uma boa conversa é registrada, todos desfilam um largo sorriso. Louco importa as condições da locação. "Para trabalhar com cinema, deve fazer porque gosta", observa o motorista Evair.

ENTREVISTA



Para o longa, Wolney e equipe registraram os encantos do Raso da Catarina (BA)

Garimpeiro de histórias

Quais as suas motivações pessoais para contar a história de “Lampião, Governador do Sertão”?

Lampião sempre foi um assunto que me apaixonou. Meu pai, Eusélio Oliveira me influenciou no tema. Era um apaixonado pela história e o primeiro livro que li sobre cangaço foi presente dele. Escrito por Paulo Gil Soares, sobre cangaço, provavelmente tinha a ver com o filme “Memória do Cangaço” que é um clássico

Ávido por iluminar vivências de personagens periféricos, Wolney Oliveira quer filmar até o fim da vida

co do Cinema Novo guiado por Soares. Quando li “Milagre em Joazeiro”, de Ralph Della Cava, um dos livros mais importantes sobre o Padre Cicero ao lado da obra de Lira Neto. Existem mais de 220 livros sobre Cicero e mais de 300 sobre

Lampião. O texto de Ralph Della Cava fala da passagem de Lampião em 1926 por Juazeiro e isso ficou na minha memória. É uma coisa que está impregnada na cultura do Sertão e do Nordeste. Eu tenho essa mania, defeito ou vantagem

que eu prefiro que sobre do que falte material. Eu filmei 180 horas entre 2006 e praticamente 2011, ano da estreia de “Os Últimos Cangaceiros”. Entrevistei vários cangaceiros que não entraram no filme, volantes e ex-coiteiros. Por meio do tema, conheci muitos estados do Nordeste. Vários pontos belíssimos como Piranhas e o Raso da Catarina. Nosso País é muito grande e não conhecemos parte dele.

Como você explica a paixão pelo documentário?

Tive grandes influências. Eusélio Oliveira, meu pai e primeiro professor de cinema, era apaixonado pelo documentário. A outra grande motivação foi a escola de cinema de Cuba. Lá conheci grandes realizadores do gênero como Santiago Alvarez, Fernando Pérez, Gerardo Tirona. Os dois últimos foram meus professores. Outra força é o meu querido mestre Eduardo Coutinho, que Deus ilumine e proteja. Vi praticamente tudo dele. Em 1981, fui fazer um curso de cinema direto em Paris, fiquei três meses tendo aulas com discípulos de Jean Rouch. Entre as técnicas dele, envolve se aproximar do personagem, ficar amigo. Claro, nem sempre você pode fazer isso. É uma maneira de conseguir tirar o máximo de informação e sentimento dessas pessoas.

Seus trabalhos abordam vivências marginalizadas. Nesse sentido, qual é o compromisso do documentário?

Quem tem mais a ver com isso é o “Soldados da Borracha”. Até hoje é um tema desconhecido por muita gente. Eu mesmo só fui saber quando tinha 40 anos. Inclusive, o maior acervo dos soldados está no Mauc da UFC. É uma história de pessoas marginalizadas, esquecidas, soterradas e menosprezadas. São histórias que o Brasil não quer ver, contar e sentir. Isso é um motivo a mais para fazer cinema documentário. No “Milagre em Juazeiro”, parto da beata que foi torturada e perseguida pela Igreja. Imagina um milagre acontecer na boca de uma negra ‘pobre’, ‘feia’, ‘analfabeta’, segundo os depoimentos de padres da época; e no interior do Ceará? Juazeiro do Norte? Se fosse em Paris a Igreja teria acatado. Como foi aqui não aceitou e até hoje não oficializou ainda. Não beatificou Padre Cicero.

Para o diretor, uma das forças do cinema de documentário é permitir o encontro com um Brasil esquecido e carente de olhar

Fazer filmes é uma aventura para o cearense. Wolney retira dessa arte o combustível. É como se cada dia atrás de uma câmera fosse vital

O Cine Ceará chega a 30 edições em 2020 e o que você projeta para o próximo ano?

Superar a 29ª edição é a mesma tarefa de tentar ir além de “Os Últimos Cangaceiros”. É um dos meus filmes prediletos. É o mais maduro. Já estamos trabalhando no festival. Vamos lançar um livro sobre os 30 anos do Cine Ceará. Vamos fazer em setembro de 2020. Ninguém sabe como vai estar a situação política e econômica do País. Posso dizer que das 29 edições das quais produzi e dirigi, 27 não teve nenhuma fácil. 2019 foi a mais difícil, mas também a de maior sucesso em relação a todas as outras. A 30ª edição também é um desafio.

Já pensou na aposentadoria ou é algo que não passa por sua cabeça? Quais trabalhos você imagina se dedicar nos próximos anos?

Nunca pensei em me aposentar. Óbvio, penso em relação à Casa Amarela é à Universidade. Parar enquanto cineasta, não. Meu espelho e objetivo é Luiz Carlos Barreto, um dos grandes nomes do cinema brasileiro e nordestino. Barreto é de Sobral e no auge dos seus 91 aninhos estava numa audiência pública no Supremo. Enquanto eu tiver forças, vou continuar filmando. A projeção é que em quatro anos, eu me aposente da UFC e da Casa. Daí vou fazer meus filmes que é o maior prazer da minha sina cinematográfica. Além do “Lampião”, o Governador do Sertão”, sobre o finalizando “Vozão, Coração do meu Povão”, sobre o time do Ceará. Dirijo com o Joe Pimentel e deve sair em 2020. Estou filmando “Memórias da Chuva”, longa documentário sobre Jaguaribara, que foi coberta pela água do Castanhão, maior açude da América Latina. Tem a cidade de Guassussê que foi coberta pelas águas do Orós. Outro filme sobre futebol é “Clássico Rei”, que além do Joe inclui o Valdo Siqueira. Vai contar os 100 anos do confronto entre os rivais.

Se não fosse o cinema, o que existiria para você?

Quando eu tinha por volta de 20 anos, minha avó, por parte de mãe, colocou na minha cabeça que eu tinha que ser bancário. Até embarquei na onda dela, mas vi que não tinha nada a ver. Minha paixão era cinema. Nessa época eu era fotógrafo de still. Comecei fotografando casamento, batizado, aniversário e depois mais na área do fotojornalismo e vídeo. Não me imagino em nenhuma outra ocupação que não seja o cinema. Acho que minha vida não seria essa aventura que é fazer cinema.

“O repórter viajou a convite da produção do filme “Lampião, o Governador do Sertão”

Filmografia

- 1982 “Um dia de Tito” (Doc)
- 1987 “Gilberto & Yaya” (Doc);
- 1988 “El Invasor marciano” (Doc);
- 1989 “Um, dois” (Doc);
- 1990 “Los regalos de Don José” (Doc)
- 1992 “Sabor a mi” (Doc);
- 1993 “As Barricadas Abrirem Caminhos” (Doc);
- 1994 “Elementais” (Doc);
- 1999 “Milagre em Juazeiro” – Docudrama;
- 2006 “A Ilha da morte” – Ficção;
- 2011 “Os últimos cangaceiros” (Doc)
- 2019 “Soldados da Borracha” (Doc).